

## IDENTIDADE E TRADIÇÃO:

### A REPRESENTAÇÃO DA MULHER MIGRANTE EM *A DOÇURA DO MUNDO*, DE THRITY UMRIGAR, E *TERRA DESCANSADA*, DE JHUMPA LAHIRI

Jailson Baldez Simões<sup>1</sup>  
Shirley de Souza Gomes Carreira<sup>2</sup>

**RESUMO:** A proposta deste trabalho é analisar comparativamente o romance *A doçura do mundo*, de Thrity Umrigar, e os contos da coletânea *Terra descansada*, de Jhumpa Lahiri, a fim de examinar como as autoras registram ficcionalmente os diferentes processos de aculturação da mulher imigrante, sua busca de pertencimento, bem como os conflitos advindos do choque cultural.

**Palavras-chave:** Representação; Mulher; Imigração

#### 1. INTRODUÇÃO

O *boom* dos Estudos Culturais trouxe à baila questões de identidade e segundo Stuart Hall (1998, 88), “a crise das suas antigas fontes de ancoragem foi originada pela ação conjunta de um duplo deslocamento: a descentralização dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos”.

Nesse panorama, as diásporas passaram a ter especial relevância, na medida em que a diluição de fronteiras permitiu o aparecimento de identidades híbridas, fruto de encontros interculturais. A representação literária do contexto da imigração leva não apenas à compreensão da sua importância histórica, mas também à forma como as identidades e o sentido do pertencimento são reconfigurados na pátria de adoção.

No contexto das assim denominadas literaturas pós-coloniais, é possível constatar a existência de uma literatura indiana em língua inglesa, escrita por imigrantes ou descendentes de imigrantes, que focaliza especificamente o processo de aculturação e a configuração de identidades nos países de acolhimento.

O processo migratório contínuo gera, amplia e multiplica a experiência da transculturação: uma complexa teia de relações sociais, que reflete a tensão gerada a partir da vivência, pelos migrantes, de identidades múltiplas e fluidas, fundamentadas, ao mesmo tempo, nas sociedades de origem e nas “adotivas”.

Enquanto alguns se identificam mais com uma sociedade do que com a outra, a maioria dos migrantes parece desenvolver uma identidade híbrida, relacionando-se simultaneamente com mais de uma nação.

No rastro de Salman Rushdie, autor que deu visibilidade internacional à literatura indiana pós-colonial, surgiram outros que não apenas focalizam os problemas enfrentados pelos migrantes, como também abordam o conflito identitário de seus descendentes.

A proposta deste trabalho é analisar comparativamente o romance **A doçura do mundo**, de Thrity Umrigar, e os contos da coletânea **Terra descansada**, de Jhumpa Lahiri, a fim de examinar como as autoras registram ficcionalmente os diferentes processos de aculturação da mulher imigrante, sua busca de pertencimento, bem como os conflitos advindos do choque cultural.

<sup>1</sup> Graduando em Letras, Português-Inglês, bolsista FAPERJ de IC, orientado pela Dra. Shirley Carreira.

<sup>2</sup> Doutora em Literatura Comparada. UERJ, RJ, Brasil, shirleysgcarr@gmail.com

## 2. A REPRESENTAÇÃO DA MULHER INDIANA EM A DOÇURA DO MUNDO

Nascida em Mumbai, atual Bombaim, Thrity Umrigar mudou-se para os Estados Unidos aos 21 anos, para dar continuidade aos seus estudos, e em várias entrevistas admitiu ter sido preparada desde muito cedo para essa mudança, uma vez que é produto de um sistema educacional colonial e profundamente ocidental.

O projeto "europeizante" da educação na Índia era forte ao ponto de, literalmente, soterrar a cultura local, tanto que a primeira obra indiana que leu foi escrita por Salman Rushdie, o que, segundo a autora, foi efetivamente uma revelação, por versar sobre o encontro entre Oriente e Ocidente e questionar não apenas o sistema colonial, mas também a atual situação das ex-colônias.

Sendo de origem Parse, Thrity frequentou uma escola católica em um país predominantemente Hindu. Esse cosmopolitismo educacional, de certa forma, preparou-a para a condição de autora migrante.

Tendo se graduado na área de negócios, enveredou pelo jornalismo após obter o grau de mestre na área. O sucesso do seu primeiro romance, *Bombai Time*, levou-a a optar pela carreira acadêmica como professora de escrita criativa, jornalismo e literatura na Case Western Reserve University.

Em **A doçura do Mundo**, Umrigar descreve a trajetória de Tehmina, que, após a morte do marido e um período de visita ao filho Sorab, casado com a americana Susan e completamente adaptado à cultura estadunidense, mostra-se indecisa entre a permanência nos Estados Unidos e o retorno à Índia.

O romance dialoga com a obra de Omar Khayam e a epígrafe sugere o tema que perpassa o romance, ou seja, a doçura que o tempo presente tem a ofertar a quem está disposto a vivenciá-lo abertamente.

A história se inicia com a fala de um espectro, Rustom, o marido falecido de Tehmina, que apresenta o enredo e dá curso à narrativa da Índia aos Estados Unidos:

Já não me encontro aqui. Está acontecendo. Ela não sente mais minha presença no quarto, não consegue sentir o derradeiro beijo que lhe dou na testa. É assim que deve ser. E não estou triste, isso não me diminui. Orgulho-me, ao contrário. Fiz minha parte. Afinal, foi o empurrão que lhe dei, foi meu estímulo que a fez transpor a cerca. Agora, ela deixou para trás todos os meses de alvoroço e inquietude, tormento e preocupação. Percebo-o em seu rosto, o alívio da decisão. Está em seu andar, sua postura, na inclinação da cabeça. Digo e repito: ela é a mulher que amei, a mulher com quem me casei. Sempre pareceu ilusoriamente frágil, e Deus sabe que é sensível como um passarinho, mas por dentro, por dentro, tem a dureza da pedra. Foi isso que sempre amei nela - essa força, essa bússola interna que a orientou em inúmeras tempestades. Afinal, ela cuidou de minha mãe idosa e rabugenta até o dia de sua morte, não foi? E, se conseguiu sobreviver ao convívio com mamãe, ora, pode sobreviver a qualquer coisa. Foi o que repeti a mim mesmo nos terríveis meses iniciais. Que minha mulher era uma sobrevivente. Que encontraria seu caminho no mundo sem mim.

A profunda fragilidade de Tehmina não se deve apenas à morte do marido, a quem amava e com quem convivera durante longos anos, mas ao fato de que, seguindo os costumes indianos, sempre fora dependente dele e não estava acostumada a tomar decisões. Tudo em sua vida fora compartilhado com ele e a perda lhe trazia a súbita consciência de que nada do que pensara ter em vida era apenas seu.

Diante dos conselhos da nora, que lhe diz ser necessário continuar a viver, Tehmina pensa:

Esse é o problema de vocês, norte-americanos, deekra - e Tehmina resvalou para o carinhoso tratamento indiano -, é que vocês todos pensam demais no riso e na diversão, como se a vida fosse um filme de Walt Disney. Uma coisa inventada por crianças. Já na Índia, a vida é um melodrama de Bollywood - cheia de perdas e tristeza. E, por isso, todos rejeitam a indústria de cinema indiano e preferem Disney. Até o meu Sorab foi seduzido por sua vida ao estilo Disney, por toda essa busca da felicidade e busca do dinheiro, e busca disso e daquilo. Mas, este ano, aprendi uma nova lição. Talvez o nosso jeito seja melhor, no final das contas. Veja quanto dinheiro vocês gastam com analistas, terapeutas e sabe-se lá o quê. Até meu próprio filho fica me dizendo para tomar aquele comprimido,

como é que se chama? - Prosaico., ou coisa assim. É que os seus períodos de luto não duram o que precisariam durar. Por que conversar com um terapeuta, a quem você tem que pagar para ouvi-la, quando poderia falar com um avô, uma tia ou um tio? E meio como procurar uma prostituta, não é, ter que pagar a alguém para escutá-la? (p. 10)

O choque é a consequência primeira do encontro entre culturas: a percepção das diferenças e a aparente incapacidade de adaptação. Conforme aponta Carreira <sup>3</sup>, tendo por base as reflexões de John Berry, "o processo de aculturação mais bem-sucedido é o de integração, que depende de reciprocidade e acomodação mútuas".

Uma passagem significativa, que demonstra a tendência de Tehmina a fazer comparações entre os Estados Unidos e a Índia, relaciona-se aos filhos da família Jones, moradores da casa vizinha a de Sorab, seu filho. Tara, a mãe das crianças, havia saído e deixado a casa trancada, de modo que as elas não podiam entrar. Os dois meninos estavam sujos, de nariz escorrendo e Tehmina não consegue evitar a comparação:

Era engraçado, pensou consigo mesma, como crianças brancas pobres sempre pareciam muito mais sujas que as crianças pobres da Índia. Ou a sujeira não aparecia tanto na pele morena, ou o que ela sempre ouvira dizer - que a higiene era irmã da santidade na cultura hindu - era verdade. Tehmina lembrou-se de que, quando seu carro passava pelas favelas de Bombaim, era comum ela ver grupos de faveladas voltando para casa, carregando na cabeça grandes latões de cobre cheios d'água. Com o mesmo latão, provavelmente, elas cozinhavam, lavavam a louça e davam banho nos filhos. Então, como era possível que ali, nos Estados Unidos, onde todos tinham água encanada e tudo o mais, ainda houvesse crianças com a aparência de Jerome e Joshua?

Susan acolhe os dois meninos, porém, a reação da mãe das crianças ao retornar é a pior possível e quando Susan lhe diz que é contra a lei deixar crianças sozinhas, Tara reage com menosprezo, enfatizando que, como americana, ela conhecia o suficiente as leis do seu país. Tehmina percebe que a fala de Tara estava carregada de preconceito:

Querida saber mais sobre esse tipo de racismo gratuito, se ele era muito comum e se Susan ficava vulnerável por ser casada com um homem de pele escura. E, se era verdade que Susan havia sentido e experimentado esse racismo, isso por certo significava que Sorab, o seu Sorab - apesar das roupas bem passadas, das unhas bem cuidadas, do sotaque norte-americano, do relógio de ouro, do bom emprego, dos muitos diplomas -, também o havia sofrido. Tehmina sentiu um bolo no estômago ao pensar numa idiota ignorante como Tara destilando um veneno capaz de afetar um fio sequer do cabelo de seu precioso filho. (p. 19)

Ao comunicar à sogra a decisão de nunca mais deixar os filhos da vizinha adentrarem a sua casa, Susan, de certa forma, lhe mostra que terá de se adaptar às regras enquanto estiver ali.

Por um instante, pensou com saudade em seu amplo apartamento em Bombaim, um apartamento esperando lá, vazio, enquanto ela decidia onde queria passar o resto da vida, em que país desejava viver, se na Índia ou nos Estados Unidos. Nem nos sonhos mais desvairados ela havia imaginado ter que fazer a mesma escolha que Sorab fizera anos antes. Mas, por outro lado, nem nos mais desvairados sonhos ela havia imaginado que Rustom cairia morto, fulminado por um ataque cardíaco, e a deixaria levar sua vida sem ele. (p. 20)

Tehmina padece da sensação que todo estrangeiro sofre quando passa a viver em outro país: a de estar "fora de lugar".

[...] lá em Bombaim, eu me sinto uma pessoa, uma pessoa cuja vida tem um sentido, segue um caminho. Aqui, apesar de todos os esforços do Sorab, não consigo deixar de me sentir um ornamento, uma peça decorativa. Quase como um embrulho que alguém tivesse largado na porta dele. Acho... o que eu estou dizendo, Eva, é que... não me sinto necessária aqui. Afora uma ou outra preocupação

1 CARREIRA, S. et all. Travessias: estudos de literatura e imigração. Belford Roxo: UNIABEU, 2015, p. 8.

ocasional, os meninos ficarão perfeitamente felizes sem mim. (p.28)

Essa sensação de estranhamento, compartilhada com a judia Eva, representa muito bem o *clash* cultural, ou seja, a situação de conflito entre culturas e o resultante sentimento de um deslocamento que não é apenas físico, mas um deslocamento de si mesmo.

Tehmina busca em Eva Metzemaum, a quem considera estar em situação semelhante, apoio para superar as dificuldades do dia-a-dia. Se a primeira carrega a sensação de inadequação, a segunda carrega o estigma de ser uma mulher judia e gorda. Assim, ambas sofrem algum tipo de rejeição social.

Os espaços dos menos favorecidos fazem com que Tehmina lembre a Índia e reflita sobre o seu lugar:

Fazer compras nessa feira era como fazer compras em Bombaim - muito barulho, tudo apinhado de gente, um zumbido de atividade. Pegar as frutas e legumes, barganhar com os barraqueiros de vez em quando, provar as amostras de frutas picadas que eles ofereciam, tudo a fazia sentir-se humana, como se o mercado estivesse cravado numa parte do mundo que ela ainda podia reconhecer e na qual vivia. Que contraste com os supermercados anti-sépticos, refrigerados, feericamente iluminados e limpos em que os meninos faziam compras! Um lugar em que os tomates e as abobrinhas vinham embrulhados em bandejas de plástico e onde as pessoas olhavam torto se a gente tocava uma fruta e a levava ao nariz para sentir seu perfume. Não que cheirá-las fizesse alguma diferença - nenhuma das frutas e legumes das mercearias dos Estados Unidos tinha aroma nem sabor, é verdade. (p.30)

O lugar que é o seu referencial, Bombaim, é o "lugar antropológico" descrito por Marc Augé (1994), histórico, relacional, identitário, onde fincara as suas raízes; o seu espaço de pertencimento. Conforme afirma Said, em Reflexões sobre o exílio, os imigrantes possuem uma percepção contrastiva, considerando que, para um exilado, hábitos, atividades ou mesmo o modo de expressar-se inevitavelmente reacendem a memória de outro meio ambiente (SAID, 2002, p. 186). É o que ocorre com Tehmina, a evocação da terra natal.

Os sucessivos conflitos entre Tehmina e a nora começam a afetar Sorab, que se recorda do difícil processo de adaptação pelo qual passara.

Sorab olhou para Susan, que tanto se esforçava por compreendê-lo, e sentiu entre eles um abismo tão gigantesco quanto a distância entre Bombaim e Ohio. Como explicar a ela a fenda que se abria em seu coração toda vez que havia um conflito entre as duas mulheres que ele mais amava no mundo? Como descrever-lhe seus primeiros anos nos Estados Unidos, quando ele havia experimentado aquele desarraigamento que só os imigrantes sentem, a tal ponto que era como se sua cabeça tocasse os céus da América enquanto os pés estavam fincados em Bombaim, como se ele se equilibrasse sobre dois continentes? Naqueles tempos, ele havia ansiado por seus sonhos, porque neles podia olhar pela janela do apartamento e ver, lá embaixo, o velho Embaixador de seu pai estacionado na rua coberta de neve. Ou então, mamãe cozinhava arroz com peixe ao molho curry na cozinha minúscula do apartamento de Ohio. Nos sonhos, ele ainda tocava a antiga vida com as pontas dos dedos. Sorab queria contar a Susan o quanto havia ansiado, durante anos, por uma vida sem disjunções, o quanto desejara ter todos os seus entes queridos sob o mesmo teto. E lhe contar como, depois que o pai e a mãe tinham começado a visitá-lo em Ohio, ele finalmente se sentira inteiro, completo, sem rachaduras. (p. 52)

Diferentemente de Tehmina, que tem no filho um referencial em solo estrangeiro, Sorab tivera de enfrentar, sozinho, as agruras de viver longe da família, de suportar a discriminação e a luta para estabelecer para si um novo lugar social.

A nora de Tehmina, ainda que involuntariamente, colabora para a intensificação da perda de ancoragem, pois evidencia a diferença de costumes, como, por exemplo, na situação em que Tehmina puxa

o neto para atravessar a rua, com o sinal aberto, porque não havia veículo à vista, contrariando as normas de segurança que Susan incutira no filho.

“Não acredito que você tenha feito isso, mamãe. Não acredito que tenha exposto seu único neto a esse tipo de perigo!” Perigo? Mas não houvera um só carro à vista!

‘Susan, querida, a rua estava vazia, e...’

“Não é essa a questão”, viera a resposta, e Tehmina tinha notado perplexa, que havia lágrimas nos olhos da nora. “A questão é que você está ensinando hábitos pouco saudáveis ao meu filho. Que vai acontecer se ele tentar disparar pela rua quando estiver na escola? Afinal, nós não passamos vinte e quatro horas por dia com ele. E se de repente aparecesse um carro, vindo de algum lugar? Ora ‘você sabe como essa gente daqui dirige.’”

Tehmina sentira uma mescla confusa de emoções - indignação, vergonha, culpa, incredulidade. Havia pessoas a observá-las fazendo muxoxos de reprovação. Mas reprovação de quem? De Susan, por fazer uma cena em público por uma banalidade? Ou de Tehmina, por ser uma caipira idiota e burra que não sabia atravessar uma rua?

“Desculpe”, repetira ela. “Eu... eu... que é que eu vou fazer, meu eome babe, estamos tão acostumados a atravessar as ruas desse jeito em Bombaim, que eu nem parei para pensar. Você sabe que a última coisa que eu faria seria machucar o Cookie.” (p.72)

Os sucessivos embates entre nora e sogra começam a afetar o equilíbrio familiar. Susan frequentemente reclama da falta de colaboração por parte da sogra, imaginando que, por sempre ter tido empregados, Tehmina esquivava-se do trabalho caseiro. Sorab reconhece, no entanto, que a vida de sua mãe nunca fora assim:

Como Susan imaginara ser fácil e luxuosa a vida de Tehmina! No entanto, não era assim que ele a recordava, de modo algum. O que ele relembrava da infância era uma confusão de campainhas tocando e vozes elevadas, e o rosto cansado e afobado de sua mãe, e as reclamações dos vizinhos e o barganhar com os vendedores, e as discussões com os criados e a fila de visitas inesperadas e parentes importunos, que apareciam sem avisar. E, de algum modo, como a maestrina de uma orquestra louca, sua mãe tinha que controlar tudo aquilo - domar os protestos estrídulos dos címbalos, silenciar os roncões surdos da percussão, consolar o lamento ressentido do violino. Ele nunca havia perguntado, e sua mãe nunca o dissera, mas Sorab sabia que Tehmina trocaria de bom grado os criados e os vendedores que lhe batiam à porta por uma lava-louças que não reclamasse, um aspirador de pó que não pedisse aumentos, um supermercado em que os preços fossem estáveis, uma secadora de roupas que não desse respostas tortas, e um processador de alimentos que picasse as cebolas sem deixar em sua esteira um rastro de lágrimas.

Dentre todas as mudanças, a que mais parece afligir Tehmina é a percepção de que Sorab apresentava-se agora como um indivíduo de comportamento híbrido, que tinha uma natureza não totalmente americanizada, nem tampouco indiana.

Sorab, por sua vez, aflige-se ante a procrastinação da mãe quanto à decisão de permanecer nos Estados Unidos:

[...] a Susan e eu... você sabe, é difícil termos a mamãe conosco por tanto tempo. Quero dizer, é a primeira vez que ela vem para cá sozinha desde a morte do papai. E, sei lá, não é tão divertido como quando ele estava presente. E a Susan fica me perguntando quais são os planos da mamãe, se ela vai ou não vai se instalar aqui de vez, e eu mesmo não sei a resposta. É que, toda vez que tento imprensar a mamãe, é meio como tentar arpoar um peixe, sabe? Ela se esquivava e escapa das minhas mãos. E aí, sabe como é, às vezes isso causa uns atritos entre mim e a Susan. (p.46)

Na realidade, ele se sente dividido entre a vontade de ter a mãe por perto e a vontade de que ela retorne à Índia, trazendo-lhe assim a tranquilidade familiar. Não percebe que os seus sentimentos conflituosos são fruto de uma identidade cindida. As reflexões que faz sobre o jovem que fora e o homem em que se transformara tornam-se cruciais para compreender o que se passa com sua família:

Logo na chegada ao curso de pós-graduação, ele tivera a sensação de que alguém o havia soltado de uma caixa de papelão tão grande que ele nunca sequer se apercebera de ter passado a vida inteira enroscado dentro dela, à espera do momento propício. Aqui, nesse país, ele podia ser tão competitivo, agressivo, insistente, ganancioso e expansivo quanto bem entendesse. Podia tentar alcançar as estrelas, sem que ninguém lhe dissesse para tomar cuidado, ou que, quanto maior a altura, maior a queda; não havia nenhum avô para lhe contar a história da falta de cuidado de Ícaro, que voara perto demais do sol e se queimara. Aqui era o país da ambição ilimitada e dos sonhos grandiosos, no qual o céu era o limite, um país de fábulas que acreditava em sonhos, que era, ele mesmo, uma espécie de sonho. E servia como uma luva em Sorab. Como uma merda de uma luva. Era como se o país tivesse sido projetado com ele em mente, ele e os milhões de outras almas irrequietas que eram desajustadas em suas terras natais, e que chegavam às margens da América transbordando de energia, explodindo de ambição represada, uma ambição tão inflamável que dava a impressão de ser violência. E para ele (ao contrário de muitos outros), para ele, tudo havia funcionado. Tudo vinha correndo bem, tudo de acordo com um plano - uma mulher bonita e sagaz, um filho deslumbrante e inteligente, uma bela casa num subúrbio residencial, dois carros importados na garagem, uma série de empregos em que ele sempre havia superado o desempenho de todos os demais. E, então, seu pai tivera que morrer, e aquele veio consistente de sentimentalismo que sempre fluíra nas veias de Rustom tinha vazado e penetrado no filho.(p.108)

Um incidente relacionado aos maus tratos que a vizinha, Tara, infringe aos próprios filhos, produz uma reviravolta no ambiente familiar. Tehmine chega a pular uma cerca de 1.80 m de altura para socorrer as crianças.

A princípio, Susan e Sorab acreditam que a atitude de Tehmine traria consequências funestas, entre elas a perda da promoção a que Sorab ambicionava. No entanto, como o caso é veiculado pela mídia, com a aprovação pública do ato solidário de Tehmina, seus olhares em relação a ela.

Susan, inclusive, mostra-se modificada pela convivência com a sogra, tornando-se mais emotiva. Nas trocas culturais, ambas as partes são afetadas e a emotividade dos indianos passa a ser de alguma forma absorvida pelo convívio entre nora e sogra.

Tehmine recorda-se do impacto que sofrera ao saber que Sorab iria se casar com uma americana:

Sorab ia se casar com uma moça que eles nunca tinham visto, num lugar em que nunca haviam estado. Uma norte-americana branca, chamada Susan. Eles nada sabiam sobre seus pais, sua família, sua formação, se ela teria um sotaque tão carregado que os dois teriam dificuldade de compreendê-la, se os respeitaria e prezaria suas tradições, se torceria o nariz ao visitar Bombaim ou adoraria a cidade, se gostaria das joias de ouro e brilhantes que estavam na família havia pelo menos três gerações (p.145).

Intimamente sabia que seu próprio julgamento já se modificara, que passara a compreender que o comportamento de Susan era a decorrente das muitas responsabilidades.

Após o incidente envolvendo os vizinhos, sentindo ainda a presença do marido, como uma força etérea, Tehmina toma a decisão final:

Minha casa, pensou. Onde fica minha casa? Qual é o meu lugar? Lembrou-se do apartamento de Bombaim, com as paredes descascadas que precisavam de uma demão de tinta, do precioso quadro de Hussein pendurado acima do sofá, do armário de teca em que os ternos de Rustom ainda estavam pendurados, do novo fogão Bajaj que ele lhe havia comprado há apenas dois anos. A ideia de deixar aquele apartamento, de vender a casa em que havia passado quase toda a sua vida conjugal, fez seus olhos doerem. De repente, Bombaim agigantou-se em sua imaginação. Tehmina esqueceu a sujeira, as favelas, a nuvem negra de poluição, o calor insuportável, as multidões atordoantes. Em vez disso, viu o céu dourado do crepúsculo, o mar imenso para além dos prédios art déco da avenida à beira-mar, a beleza das antigas construções coloniais da zona sul de Bombaim, a quietude fresca e escura dos templos do fogo. Em vez da umidade terrível e do calor que fazia transpirar, ela se lembrou das cálidas manhãs de Bombaim; em vez dos ônibus perigosos e superlotados, lembrou-

se das ruas festivas, repletas de gente, daquela humanidade que reafirmava a vida, em imenso contraste com as ruas mortas e desertas que a acolhiam toda noite em Rosemont Heights. Mas, então, pensou: e, entre aqueles milhões de pessoas das ruas de Bombaim, quem se importa se estou viva ou morta? Sua melhor amiga, Zinobia, se importaria; alguns vizinhos se importariam, como Persis; os presidentes das instituições em que ela trabalhava como voluntária se importariam. E quem mais? Aqui, porém, apesar da esterilidade da vida cívica, apesar dos invernos frios e das ruas desertas, apesar dos condomínios residenciais construídos sem calçadas, havia gente que se importava muitíssimo com seu bem-estar. Que se preocupava, se inquietava, ligava suas próprias vidas e destinos aos dela. E - e, nessa hora, Tehmina obrigou-se a engolir sua modéstia natural - aqui havia pessoas que, a despeito do que ela havia suposto antes, precisavam dela. Agora podia percebê-lo. Cookie precisava dela, precisava do que só uma avó poderia lhe oferecer. A mãe de Susan morava longe demais para lhe proporcionar a dádiva de sua presença constante. Susan precisava dela, para polir algumas de suas arestas mais ásperas, para fazer emergir a meiguice que os horários frenéticos e o excesso de responsabilidades haviam sepultado. Quanto aos meninos - Percy, Sorab e, agora, talvez até Joe -, Tehmina sabia ter amor suficiente para todos eles.

E também sabia uma outra coisa. Ela ficaria. Aqui, nos Estados Unidos. Foi menos uma decisão do que o reconhecimento de algo já sabido, a culminação lógica de seu processo de pensamento. Ao contrário dos filmes, não houve tambores rufando ao fundo, nenhuma trombeta anunciando sua tomada de decisão. É que, na verdade, a decisão fora tomada alguns dias antes. Na hora em que se soltara da cerca, em que encontrara coragem para pular, ela havia aterrissado em mais do que o quintal de Antônio.

Havia aterrissado neste continente. A cerca tinha sido a linha divisória entre o passado e o futuro, entre a Índia e os Estados Unidos. (p. 227)

A percepção de que uma nova vida e uma nova identidade adviriam desse decisão resume-se no pedido que faz a Eva ao fim do romance: " - Eva, você me ensina a dirigir?".

### 3. A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM TERRA DESCANSADA

A questão da imigração, dada a sua recorrência na história mundial, ganhou destaque nas mãos de alguns escritores que, através de seus personagens, incorporam experiências próprias às elaborações ficcionais.

Jhumpa Lahiri, escritora descendente de indianos, nascida em Londres e educada nos Estados Unidos, pertence a esse grupo de escritores.

Segundo Carreira (2012, p. 1)

De certo modo, Lahiri assume as características do escritor migrante definido por Salman Rushdie em **Imaginary homelands**, uma vez que, a cada página, seus livros oferecem um vislumbre das dificuldades enfrentadas por imigrantes que, sob a pressão de culturas diversas, buscam definir-se identitariamente no país de adoção. Seus personagens são geralmente indianos ou descendentes de imigrantes indianos em um processo de crise de identidade, incapazes de lidar com um profundo sentimento de inadequação social.

Diferentemente de Rushdie, Lahiri preocupa-se em retratar as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes de diferentes gerações. É notório que uma primeira geração de imigrantes sofre de maneira mais agressiva o choque cultural, ainda que, como no caso das personagens de Lahiri, o idioma não seja uma barreira. As divergências de códigos sociais e a tradição constituem as barreiras a serem transpostas.

Os oito contos que compõem o volume **Terra descansada** abrangem diferentes visadas na concepção das personagens femininas.

O primeiro conto, que dá título à obra e que constitui um dos focos deste artigo, tem como

protagonista uma mulher de origem indiana, Ruma, e gira em torno da visita em que seu pai lhe fará em Seattle e das inseguranças da filha ao recebê-lo em seu lar. Diferentemente de Tehmina, personagem de Umrigar em *A Doçura do Mundo*, Ruma tem aversão pela manutenção da tradição. Filha de indianos, mas casada com um americano, Ruma está grávida e acaba de mudar-se para uma nova casa, em Seattle, onde vive com o marido, Adam, e o filho, Akash.

Assim como em **A doçura do mundo**, o casamento de Ruma com um americano não fora bem recebido por seus pais a princípio. Pertencente a uma segunda geração de imigrantes, Ruma sofre, ao longo dos anos, uma inquietação decorrente das pressões por parte da mãe, indiana que se recusava a abrir mão de suas raízes. Incomodava-lhe o apego da mãe à tradição, os seus sáris, a sua subserviência. Na desterritorialização, torna-se necessário recriar em terra estrangeira o vínculo com a terra natal (CARREIRA, 2011, p. 25), o que explica a insistência da mãe da protagonista na manutenção dos valores de sua própria cultura.

De certo modo, o casamento com Adam fora um passaporte para a liberdade absoluta. No entanto, a primeira gravidez e a morte da mãe fizeram com que abandonasse uma carreira promissora para dedicar-se ao lar. Apenas com a chegada do pai e a partir das reflexões dela decorrentes, Ruma se apercebe de sua atual condição, reconhecendo nela tudo o que renegara na vida de sua mãe.

Havia manhãs, que ela desejava poder, simplesmente, vestir-se e sair pela porta, como Adam. Ela não entendia como sua mãe tinha feito isso. O exemplo de sua mãe, mudando-se para um lugar estranho por causa do casamento, cuidando exclusivamente dos filhos e da casa serviu como um aviso, um caminho a ser evitado. No entanto, aquela era a vida de Ruma agora. (LAHIRI, 2008, p. 11)

Ao contrário da mãe, o pai, muito mais flexível, havia se integrado rapidamente à cultura norte-americana, tanto nos trajes quanto nos hábitos, o que colaborara, em parte para que os filhos se distanciassem de suas raízes.

A princípio, Ruma se esforçara para manter algum elo com a Índia, ensinando ao filho algumas palavras em bengali, mas, aos poucos, esse esforço se perdera em meio às responsabilidades do cotidiano, pois "o seu mundo era dividido em dois idiomas: o da infância, bengali, e o da idade adulta, o inglês, assim como o seu eu cindido" (CARREIRA, 2013, p. 98).

A vinda do pai lhe traz à mente um dos aspectos da tradição: a responsabilidade das filhas cuidarem de seus pais. Ruma receia isso, sente que não está preparada para tanto. No entanto, ela se surpreende quando este lhe diz que não viera para ficar, mas para comunicar-lhe que partiria em viagem que havia planejado fazer com sua mãe. Ao mencionar uma mulher bengali, por quem estava interessado, ele desperta em Ruma a consciência súbita de que também ele rompia com a tradição. Ao invés de vir morar com ela, decide conhecer o mundo, manter-se aberto a novas experiências.

A visita do pai desperta em Ruma a consciência de si mesma, afastando o sentimento de culpa por não ter sido, quando mais jovem, exatamente como a mãe gostaria que fosse, e mostrando-lhe, no presente, que a identidade não está presa à natureza essencialista da identidade nacional.

Em "Inferno-Céu", a narradora, Usha, é a única filha de um casal indiano, que fora para a América em busca de uma vida melhor. O tempo da narrativa é o presente e Usha, já adulta, se recorda de eventos que aconteceram quando ainda era criança. Não é ela a principal personagem feminina, mas sua mãe, Aparna, que se casara com Shyamal, apenas para que este pudesse vir para a América sem contrariar a família.

O casamento traz-lhe a experiência de uma solidão a dois, uma vez que o marido pensa apenas no trabalho no laboratório e a falta de diálogo é absoluta.

A situação muda quando entra em cena um jovem estudante do MIT, Pranab, três anos mais jovem que Aparna. Ela o encontrara em um dos passeios que fazia com Usha e que eram como uma válvula de



escape para a sua solidão.

As sucessivas visitas do rapaz à casa de Usha estreitam as relações entre Aparna e Pranab e são, de certo modo, alimentadas por Shyamal, uma vez que mantendo a esposa ocupada, sobra-lhe mais tempo para dedicar-se ao trabalho, e o redime da culpa de tê-la afastado dos parentes.

A mudança de comportamento da mãe não passara despercebida à filha, mas, em sua pouca idade, ela não compreendera a dimensão dos sentimentos ali envolvidos.

Ele apareceu sem avisar, sem telefonar antecipadamente, batendo simplesmente na porta, do modo como se faz em Calcutá, e gritando "Boudi!", enquanto esperava que minha mãe o deixasse entrar. Antes de o encontrarmos, eu voltava da escola e encontrava minha mãe com a bolsa no colo e de casaco, desesperada para escapar do apartamento onde havia passado o dia inteiro. Mas agora, eu a encontrava na cozinha, esticando a massa para os luchos, o que ela normalmente fazia apenas aos domingos para meu pai e eu, ou colocando cortinas novas que havia comprado em Woolworth's. Entendo agora, ao recordar-me, que as visitas de Pranab Kaku eram aquilo por que a minha mãe ansiava o dia inteiro (LAHIRY, 2008, p. 63).

A situação se complica quando Pranab decide se casar com uma americana e pede a ajuda de Aparna e Shyamal na empreitada de convencer os pais a concordarem com o casamento:

Meu pai não pensava nem bem nem mal de Deborah, nunca citando-a ou criticando-a, como minha mãe fazia, mas assegurou a Pranab Kaku que a carta de apoio estaria a caminho de Calcutá no fim da semana. Minha mãe concordou, mas no dia seguinte eu vi a xícara que Pranab Kaku usava todo o tempo como cinzeiro na lata de lixo da cozinha, em pedaços, e três Band-Aids na mão de minha mãe (LAHIRI, 2008, p. 71).

Na região em que Shyamal nascera, as mulheres eram como prisioneiras, sem direito a uma vida própria e o casamento por amor era algo tão distante quanto as canções de amor e os filmes românticos a que Aparna se acostumara na juventude. O envolvimento de Aparna com Pranab era mais que uma relação puramente amorosa, mas uma tentativa de resgatar a si mesma. No entanto, ele a via apenas como amiga e essa certeza assume o caráter de uma ferida que se recusa a fechar-se.

As demonstrações de afeto entre Pranab e Deborah despertam em Aparna um sentimento ambíguo, de perda do afeto e de inveja pela liberdade que as americanas desfrutam ao casar por amor.

Segundo Carreira (2012, p. 87):

Nem mãe nem filha estão acostumadas à revelação pública do afeto. Se para Aparna a mudança de comportamento de Pranab é como uma diferença entre "céu e inferno", metáfora que espelha, não as atitudes do rapaz, mas aquilo em que sua vida se transformara após o aparecimento de Deborah, para Usha aquela forma de amor, nunca antes sentida de modo tão próximo, é uma revelação.

Pranab desvia-se de um papel pré-determinado, que faz parte da história de muitos imigrantes indianos: a autorização familiar para estudar no exterior e o retorno para um casamento pré-acordado, costume esse herdado do colonialismo, cuja ideologia permanece entranhada na identidade cultural, tornando-se perceptível nas práticas sociais, econômicas e políticas.

Aparna não conseguira ainda escapar às redes do seu papel social e incomoda-lhe a quase idolatria de Usha para com Deborah. Como toda mãe indiana, Aparna busca reproduzir na filha o mesmo tipo de educação que recebera. Entretanto, Usha é o produto dos encontros culturais, detentora de uma identidade híbrida, que, como Pranab, não recusa as origens, mas deseja descortinar horizontes. A diferença entre ela e as filhas de Pranab vai além do estilo de vida americano, do uso cotidiano do inglês com o idioma de comunicação, da opção de não ir à Índia anualmente visitar os parentes. A diferença está na rotina estabelecida dentro de casa. Usha adota uma posição extrema e oposta à orientação materna:

Eu aprendi a esconder coisas dela, com ajuda dos meus amigos. Eu lhe dizia que estava dormindo na casa de uma amiga, quando, na realidade, ia a festas, bebia cerveja e deixava que os rapazes me beijassem e tocassem meus seios, pressionando suas ereções contra o meu quadril quando estávamos nos apalpando em um sofá ou no banco de trás de um carro. Eu comecei a ter pena da minha mãe; à medida que crescia, eu percebia mais e mais a vida desolada que levava. Ela nunca trabalhara e passava o dia assistindo novela para matar o tempo. Sua única ocupação, todos os dias, era limpar e cozinhar para meu pai e eu (...) quando minha mãe reclamava com ele do quanto ela odiava a vida no subúrbio e como se sentia só, ele nada dizia para acalmá-la. "Se está tão infeliz, volte para Calcutá", dizia, deixando claro que a separação não o afetaria. Eu comecei a fazer o mesmo que ele ao lidar com ela, isolando-a duplamente (LAHIRI, 2008, p. 76)

À medida que Usha cresce e se torna uma mulher, desenvolve a capacidade de compreender o passado e a forma como a mãe fora obrigada a resolver sozinha os seus conflitos. O passar do tempo amenizara a dor da perda e trouxera aos pais um tipo de cumplicidade que preencheria o espaço outrora vazio entre eles.

Usha, em muitos aspectos, assemelha-se a Ruma. Ambas entram em confronto com suas mães e rebelam-se, na tentativa de conquistar identidades próprias, levando alguns anos para compreender o quanto fora difícil para elas a passagem pelo choque cultural.

Assim como Tehmina, no romance de Umrigar, Aparna decide render-se ao novo mundo em que habita. As cinquenta anos, matricula-se em um curso de biblioteconomia e busca dar outro sentido à vida.

Os novos aprendizados representam no âmbito da ficção as estratégias de ultrapassagem das barreiras culturais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As personagens femininas das obras de Umrigar e Lahiri passam por mudanças necessárias à vida em outro país. Superam as comparações entre a cultura de origem e à da pátria de adoção, adotam novos costumes e constroem novas identidades.

Essa construção dá-se de modo diferenciado. Enquanto Tehmina e Aparna ainda se mantêm ligadas às raízes, por terem nascido na Índia, Ruma e Usha pertencem a uma segunda geração e como descendentes não se sentem atadas aos valores ancestrais.

De um modo ou de outro, todas ultrapassam barreiras para se reinventarem. A epígrafe de Hawthorne em *Terra descansada* funciona como uma metáfora dessa ultrapassagem:

A natureza humana não irá florescer mais do que uma batata, se for plantada e replantada, por sucessivas gerações, no mesmo solo desgastado. Meus filhos tiveram outros locais de nascimento, e, tanto quanto sua sorte estiver sob o meu controle, deverão lançar suas raízes em terra descansada<sup>4</sup>.

## Referências Bibliográficas

- AUGÉ, Marc. **Non-places**: introduction to an anthropology of supermodernity. London, New York: Verso, 1995.
- BERRY, J. W. Migração, Aculturação e Adaptação. In: **Psicologia, E/Imigração e Cultura**. SP: Casa do Psicólogo, 2004.
- CARREIRA, S. et all. **Travessias**: estudos de literatura e imigração. Belford Roxo: UNIABEU, 2015.
- \_\_\_\_\_. Memória e esquecimento: a configuração da identidade em "Unaccustomed Earth", de Jhumpa Lahiri. **Revista da Anpoll**, v.30, 2011.

<sup>4</sup> Tradução de Shirley Carreira.

HALL, Stuart. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LAHIRI, Jhumpa. **Terra descansada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SAID, Edward. **Reflexões sobre exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

UMRIGAR, Thirty. **A doçura do mundo**. Editora Nova Fronteira, 2008.

**IDENTITY AND TRADITION: THE REPRESENTATION OF THE MIGRANT WOMAN IN THE *IF TODAY BE SWEET*, THIRTY UMRIGAR, AND *THE LOWLAND*, BY JHUMPA LAHIRI**

**ABSTRACT:** The purpose of this study is to analyze the novel *If Today Be Sweet* by Thrity Umrigar, and *Unaccustomed Earth*, by Jhumpa Lahiri, in order to examine how the authors' fictional record of the different processes of acculturation of immigrant women, their search for belonging, as well as the conflicts aroused from cultural clash.

**Keywords:** representation. Women. Immigration.

Recebido em: 30 / 08 / 2016

Aceito em: 15 / 09 / 2016